

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
AVA GARDNER, CYD CHARISSE, JUDY GARLAND – FATAL JUSTEZA
18 e 28 de fevereiro de 2022

THE SUN ALSO RISES / 1957

(... E o Sol Também Brilha)

um filme de Henry King

Realização: Henry King / **Argumento:** Peter Viertel, segundo o romance de Ernest Hemingway / **Fotografia:** Leo Tover / **Direção Artística:** Lyle R. Wheeler, Mark-Leo Scott / **Música:** Hugo Friedhofer / **Montagem:** William Mace / **Intérpretes:** Tyrone Power (Jake Barnes), Ava Gardner (Lady Brett Ashley), Mel Ferrer (Robert Cohn), Errol Flynn (Mike Campbell), Eddie Albert (Bill Gordon), Gregory Ratoff (Conde Mipplopoulos), Juliette Greco (Georgette), Marcel Dalio (Zizi), Henry Daniell (Médico), Bob Cunningham (Harris), Danik Patisson (a rapariga), Robert Evans (Romero), Eduardo Noriega (Mr. Braddock), Jacqueline Evans (Mrs. Braddock), Carlos Muzquiz (Montoya), Rebecca Iturbi (Frances), Carlos David Ortigos (Mons. Romero).

Produção: Darryl F. Zanuck, para a 20th Century Fox / **Cópia:** 35mm, cor, legendado eletronicamente em português, 129 minutos / **Estreia Mundial:** Nova Iorque, a 23 de Agosto de 1957 / **Estreia em Portugal:** Politeama, em 13 de Dezembro de 1957.

Lançado em 1953 pela Fox, o Cinemascope tornou-se a marca de luxo (como a sua técnica de cor: o "De Luxe") do estúdio. Henry King, que terá sido para a Fox o que Raoul Walsh ou Michael Curtiz foram para a Warner, pela forma como correspondia à sua "estética", tornou-se indissociável deste formato para o resto da sua carreira. Não lhe trouxe inovações especiais, como Preminger e Cukor, por exemplo, mas soube utilizá-lo de uma forma tão funcional e hábil como o formato "normal" nas décadas anteriores. De **King of Khyber Rifles** (*A Carga dos Fuzileiros*) a **Tender is the Night** (*Terna é a Noite*), passando por **Untamed** (*Enquanto Dura a Tormenta*), **Love is a Many Splendored Thing** (*A Colina da Saudade*), **Carousel** (*Carrocel*), **The Sun Also Rises** (*...E O Sol Também Brilha*), **The Bravados** (*Vingador Sem Piedade*), **This Earth is Mine** (*Esta Terra é Minha*) e **Beloved Infidel** (*A Amada Infiel*) o que se destaca é uma inteligente utilização do meio para fins de espectáculo. **Untamed** e **The Sun Also Rises** são, deste ponto de vista, os seus melhores filmes deste período, mesmo que se lhe preferiam outros, como é o caso do excelente **The Bravados** (mas neste caso, como em **Tender is the Night** o ecrã largo é apenas funcional, com pouca relevância para histórias onde dominam os retratos psicológicos). O caso é diferente nos outros dois, onde o Cinemascope dá uma dimensão mais espectacular às sequências movimentadas. E em **The Sun...** temos, em particular, toda a magnífica sequência da festa em Pamplona (filmada quase toda no México, em Morelia).

Não me parecem muito justificadas as razões de queixa invocadas pelos admiradores de Ernest Hemingway no que se refere à adaptação das suas obras ao cinema. Se há exemplos infelizes (**For Whom the Bells Tolls**, a segunda versão de **A Farewell to Arms**, **Adventures of a Young Man** e **Island in the Streams**), os triunfos (de um ponto de vista de linguagem cinematográfica e não de "fidelidade") são bem mais importantes: o primeiro **Farewell**, de Borzage, **Force of Arms** (*Quando Passar a Tormenta*), de Michael Curtiz, "inspirado" no mesmo romance, os dois **The Killers** (Siodmak e Siegel), os vários **To Have and Have Not** (Hawks,

Curtiz: **The Breaking Point**, Siegel: **The Gunrunners**), **The Macomber Affair** (*A Mulher e a Selva*), de Zoltan Korda, segundo "The Short Happy Life of Francis Macomber", que entra também na construção do argumento da primeira adaptação de Henry King da obra do escritor, **The Snows of Kilimanjaro**. Apesar de não ser uma opinião muito generalizada, considero que esta, assim como **The Sun Also Rises**, pertencem por direito próprio, ao segundo grupo. E em ambos encontramos a mulher "hemingwaiana" por excelência: Ava Gardner.

Aliás, o argumento de **The Sun Also Rises** teve a concordância do próprio escritor. E o filme capta, de forma feliz, o clima de boémia e a atmosfera agitada da festa do livro que revelou o escritor, "Fiesta", e nem os visíveis anacronismos dos figurantes desta (que se presume decorrer nos anos 20) nem um certo artificialismo das sequências "parisienses" anulam a ideia geral. Aliás estas últimas desenvolvem um clima romântico bem mais conseguido do que o de James Ivory e Philip Kaufman nas suas incursões pela "geração perdida", em **The Moderns** e **Henry and June**. Único óbice: o jovem intérprete do toureiro Romero (Robert Evans), de uma silhueta quase ridícula para o personagem. Diga-se em abono de King que não foi ele o responsável pela escolha. King desejava um verdadeiro toureiro para o papel, mas Bella Darvi (a então amante de Zanuck, em vias de substituição por Juliette Greco), convenceu o produtor a mudar porque o toureiro parecia um "criado". Reticências ainda a este elenco de estrelas que Zanuck reuniu para o filme: Tyrone Power (que com Gregory Peck foi o actor preferido de King) não se presta bem à personagem de Jack Barnes, jornalista americano em Paris, mutilado de guerra (estilhaços na coluna que o tornaram impotente, deficiência que pela primeira vez, salvo erro, é directamente citada num filme, neste período em que o código de censura começava a cair em desuso). Quando o objecto do amor, impossível de consumir, é Ava Gardner, tal calamidade reveste-se de uma certa ironia, na medida em que o "mais belo animal do mundo", já antes passara pelos mesmos problemas no filme de Mankiewicz **The Barefoot Contessa**. Como se costuma dizer, "uma desgraça nunca vem só"! Mel Ferrer é outro dos intérpretes pouco à vontade para o papel do perturbado escritor Robert Cohn, mas o caso muda de figura no resto do elenco. Ava Gardner, por um lado, magnífica de magnetismo, justificando todas as cobiças e dramas que à sua volta decorrem, com alguns grandes momentos que a mostram também como uma notável actriz: as suas sequências com Barnes, em particular na primeira, quando o vê partir do "Bal Musette" e no final, no taxi, interrogando-se sobre o seu futuro. E, principalmente, Errol Flynn, que neste final de carreira se revelou um fabuloso actor, talvez pelos papéis que teve e que tão próximos estavam de si próprio. Mas de todos eles (**The Sun...**, **Too Much Too Soon**, "biopic" sobre o seu grande amigo John Barrymore, e **The Roots of Heaven**) nunca foi tão bem, tão "sentido" na dimensão do seu papel, como neste filme, nas suas bebedeiras monumentais e na lucidez do seu próprio fim. É ver o seu penúltimo plano: sozinho na praça enquanto o dia morre. É ele que domina inteiramente toda a segunda parte do filme, ao longo da festa, na largada dos touros, na confusão da arena, em imagens espectaculares que contrastam com a forma intimista da primeira parte, circunscrita ao cafés de Paris.

Mesmo que de forma superficial, **The Sun Also Rises** transmite a ideia de um estado de espírito que dominou uma geração a que chamaram "perdida" e de que Hemingway foi um dos personagens e "cantores".

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico